



## Filosofia e Psicanálise - Hegel

*Patrícia Lins de Paula*

*Psicanalista*

Georg Wilhelm Friederich Hegel (1770 - 1831) foi um dos mais influentes filósofos alemães de todos os tempos, tendo influenciado Arthur Schopenhauer, Martin Heidegger, dentre outros. Sua obra “Fenomenologia do Espírito” é um grande marco na filosofia alemã.

Vamos nos aventurar a apresentar a ideia central da dialética do senhor e do escravo, embora seja essa uma tarefa bastante desafiadora. Hegel apresenta o itinerário da consciência, e a diferença entre a consciência e a consciência de si. A dialética do senhor e do escravo está na consciência de si, que se inicia como desejo, apetite, e tem a tendência de se apropriar das coisas, fazendo tudo depender de si, buscando o outro para poder ser, o que acaba destruindo-o como outro.

A consciência de si almeja a reflexão do ser sobre si. A singularidade de cada ser vivo se reconstitui na unidade do todo e para satisfazer-se a consciência, ela necessita de outra consciência de si.

Ou seja, para haver consciência de si, deve haver outra (consciência) que vem de fora. As duas agem, mas o primeiro encontro não é amigável. Surge a luta, e quem teme a morte, acaba se rebaixando, se tornando escravo.



Por isso as duas figuras, o senhor e o escravo (presentes na dialética do senhor e do escravo), não retratam a escravidão histórica, mas sim duas figuras da consciência; o senhor é aquele que não desistiu da luta, por medo da morte. O escravo é o que desistiu, tornando-se escravo. Nesse processo, ele (o escravo) trabalha e continua temendo a morte.

Chega um ponto em que a consciência escrava se dirige ao reconhecimento, pois o que o escravo faz é agir pelo senhor (trabalhar para ele). Ao reconhecer isso, nesse processo dialético, o escravo irá se tornar uma verdadeira consciência.

Nessa configuração, o senhor acaba dependendo do escravo, pois é este quem trabalha, e o senhor não sabe mais trabalhar, só ordenar. O escravo é o que continua trabalhando, e continua temendo a morte.

Logo, a constituição do escravo, que se dá pelo medo e pelo trabalho, é justamente o que faculta, após o autorreconhecimento (do escravo) que ele se torne um ser para si; pelo trabalho, o escravo supera sua condição e o senhor acaba se rebaixando, pois não consegue mais desenvolver seu trabalho. E é nesse momento que ocorre a inversão dos papéis – o escravo se torna senhor, e o senhor, escravo. O escravo deixa de ser para o outro (um objeto, diria a Psicanálise) e se torna um ser para si.

Assim, a questão do trabalho e do medo da morte são centrais para a formação do indivíduo.

Fazendo uma aproximação da dialética do senhor e do escravo com a Psicanálise, vamos primeiro abordar a questão do desejo; o desejo, para a Psicanálise, é apontado como tributário do recalque, ou seja, o desejo desconhece o objeto de sua



satisfação, tudo que pode saber sobre ele é uma pista perdida, um impulso insistente, mobilizado pelo inconsciente, como um contorno vazio a ser preenchido; e são as pulsões que direcionam tal desejo a essa busca incessante de reviver a primeira emoção perdida, mas sabida (de algum modo).

Segundo, quando Hegel aborda que a questão do trabalho e do medo da morte são centrais para a formação do indivíduo, isso nos faz lembrar do trabalho do luto. Freud aborda, em Luto e melancolia (1917) que: “O trabalho que o luto realiza (...) é o da exigência de retirada das ligações libidinais com o objeto de amor” (o que poderíamos interpretar com a antiga visão de si que desprezava a consciência de si hegeliana) e ainda: “(...) O fato é que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido”, o que implica o escravo que se torna senhor, consciente de si.